



A LEI DO DIA E A PAIXÃO PELA NOITE: O BELO E BOM COMBATE DE HUSSERL E JASPERS

10.62506/phs.v6i33.243

The law of the day and the passion for the night: The beautiful and good
fight of Husserl and Jaspers

MARCELO FABRI*

La ley del día y la pasión por la noche: La hermosa y buena pelea de Hus-
serl y Jaspers

Resumo: Este artigo pretende mostrar a luta com o poder da noite em dois grandes filósofos do século XX: Husserl e Jaspers. Tal como os grandes pessimistas do pensamento, Husserl sentiu a presença da sombra ao longo da sua vida filosófica. Além disso, ele estava atormentado pela possibilidade de que a vida, mesmo orientada para um objetivo ensolarado, pudesse ser finalmente um encontro com um puro nada. Husserl, tendo experimentado o sentimento de nulidade da existência (Schopenhauer), mostrou-se ele próprio forte na batalha contra uma visão passiva e fatalista do mundo e da vida. Uma luta semelhante ocorreu com Jaspers, um filósofo da existência que realmente explorou a profundidade visualizada por Husserl. Existe um fundo de obscuridade que nos sustenta e sem o qual não podemos chegar a nós mesmos através da reflexão. Mesmo sendo fiel à lei do dia, Jaspers entendeu que o poder da noite é maior do que imaginamos. “Os poderes que exercem o seu império sobre nós através dos seus estímulos são incalculáveis.” Conclusão desconcertante: podemos ser atraídos por aquilo que destrói a ordem geral e elimina a razão. Quando isso realmente acontece, caímos num turbilhão incontrolável. Começamos a negar tudo, inclusive a nós mesmos. Como entender essa paixão ou tentação da noite? Veremos que Husserl e Jaspers enfrentaram isso de forma essencialmente ética, graças a um belo e bom combate que os manteve fiéis à lei do dia.

Palavras-chave: Fenomenologia, existência, ética, noite, sentido.

Abstract: This paper aims to show the struggle with the power of the night in two great philosophers of the 20th century: Husserl and Jaspers. Like the great pessimists of thought, Husserl felt the presence of the shadow along his philosophical life. Furthermore, he was tormented by the possibility that life, even oriented towards a sunny goal, it could be finally a meeting with a pure nothingness. Husserl, having experienced the feeling of nullity of existence (Schopenhauer) was himself strong in the battle with a passive and fatalistic vision of the world and life. A similar struggle occurred with Jaspers, a philosopher of existence who actually explored the depth visualized by Husserl. There is a background of darkness that sustains us and without which we cannot reach ourselves through reflection. Even though he was faithful to the law of the day, Jaspers understood that the power of the night is greater than we imagine. “The powers that exercise their empire over us through their stimuli are incalculable.” Disconcerting conclusion: we can be attracted to that which destroys the general order and eliminates reason. When this actually happens, we fall into an uncontrollable whirlwind. We start to deny everything, including ourselves. How to understand this passion or temptation for the night? We will see that Husserl and Jaspers faced it in an essentially ethical way, thanks to a beautiful and good fight that kept them faithful to the law of the day.

Keywords: Phenomenology, existence, ethics, night, meaning

Resumen: Este artículo pretende mostrar la lucha contra el poder de la noche en dos grandes filósofos del siglo XX: Husserl y Jaspers. Como los grandes pesimistas del pensamiento, Husserl sintió la presencia de la sombra a lo largo de su vida filosófica. Además, lo atormentaba la posibilidad de que la vida, incluso orientada hacia una meta soleada, pudiera ser en última instancia un encuentro con la pura nada. Husserl, habiendo experimentado el sentimiento de nulidad de la existencia (Schopenhauer), se mostró fuerte en la batalla contra una visión pasiva y fatalista del mundo y de la vida. Una lucha similar ocurrió con Jaspers, un filósofo de la existencia que realmente exploró la profundidad imaginada por Husserl. Hay un fondo de oscuridad que nos sostiene y sin el cual no podemos llegar a nosotros mismos a través de la reflexión. Aunque fue fiel a la ley del día, Jaspers entendió que el poder de la noche es mayor de lo que imaginamos. “Los poderes que ejercen su imperio sobre nosotros a través de sus estímulos son incalculables”. Conclusión desconcertante: podemos sentirnos atraídos por aquello que destruye el orden general y elimina la razón. Cuando esto realmente sucede, caemos en un torbellino incontrolable. Empezamos a negarlo todo, incluidos nosotros mismos. ¿Cómo entender esta pasión o tentación de la noche? Veremos que Husserl y Jaspers afrontaron esto de una manera esencialmente ética, gracias a una hermosa y buena lucha que los mantuvo fieles a la ley del día.

* Professor aposentado do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul (E-mail: fabri.ufsm@gmail.com).Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4712-8207>. Palestra do IV Congresso Internacional de Fenomenologia e Psicologia – 2024.



Introdução

Como viver guiado pelo *logos*? Eis a pergunta socrática que orientou o percurso intelectual e de vida de dois eminentes filósofos do século XX: Husserl e Jaspers. Na perspectiva husserliana, a filosofia é uma tarefa de vida, uma vocação que se deve cumprir como responsabilidade absoluta pela verdade. Mas eis a dificuldade: a tarefa mencionada deve reconhecer que inevitavelmente vivemos entre luz e sombra, ou no claro-escuro da vida. Pensamos que a decisão por uma vida racional está visceralmente ligada a uma experiência com a “noite”. Husserl se deu conta disso, sobretudo depois da primeira guerra mundial (Tourinho, 2023). O esforço para regular nossa inteira vida pela razão termina sendo assombrado pela hipótese de que, ao final das contas, o que há é falta de sentido. Trata-se de uma hipótese inquietante relativa ao mundo, à história e ao ser humano. A tarefa de uma vida examinada confronta-se com a noite. Tal como os grandes pessimistas do pensamento, Husserl sentiu a presença da sombra em sua vida. Mais ainda, ele atormentou-se com a possibilidade de que a vida, mesmo orientada para uma meta ensolarada, pode ser no fundo um puro nada. Até onde sabemos, Husserl nunca explorou até as últimas consequências essa experiência com a noite. Teria sido apenas um momento depressivo de sua vida, sem maiores implicações para sua trajetória de pensamento? Como quer que seja, pensamos que Husserl, tendo experienciado o sentimento de nulidade da existência (Schopenhauer é um exemplo clássico de valorização de tal sentimento), mostrou-se forte na resistência a uma visão passiva e fatalista do mundo e da vida.

Um combate semelhante ocorreu com Jaspers, filósofo da existência que explorou de fato a profundidade também arqueologicamente escavada por Husserl. Jaspers procurou investigar algo que a intencionalidade (ou doação de sentido) não nos permite “alcançar”. Ele compreendeu que há um fundo de obscuridade que nos sustenta e sem o qual não chegamos a nós mesmos pela reflexão. Mesmo sendo fiel à lei do dia, Jaspers compreendeu que o poder da noite é maior do que imaginamos. “Os poderes que exercem seu império sobre nós mediante seus estímulos são incalculáveis” (Jaspers, 1969, p. 336). Conclusão desconcertante: podemos ser atraídos por aquilo que destrói a ordem geral e elimina a razão. Quando isso de fato acontece, caímos num turbilhão incontrolável. Passamos a negar tudo, inclusive a nós mesmos. Ora, como entender essa paixão ou tentação pela noite? Veremos que Husserl e Jaspers a enfrentaram de um modo essencialmente ético, graças a um belo e bom combate que os manteve fiéis à lei do dia.

Em nossa exposição, utilizaremos, de Husserl, um texto de 1923, em que o filósofo fala especificamente de suas inquietações éticas e existenciais diante de uma Europa marcada pelo acontecimento desastroso da Primeira Guerra Mundial. Trata-se da tradução mexicana de “Wert des Lebens. Wert der Welt. Sittlichkeit (Tugend) und Glückseligkeit”, editado por Ullrich Melle, em *Husserl Studies*, Vol. 13, Nº 3, 1996-1997 (Husserl, 2009). De Jaspers, beneficiamo-nos principalmente da grande obra *Philosophie* (1931), pela tradução francesa (Jaspers, 1989), notadamente a parte sobre metafísica, em que o filósofo expõe suas teses sobre o tema da transcendência.

1. Entre Luz e Sombra: Husserl

Começamos falando um pouco sobre a visão pessimista ou noturna da vida. Schopenhauer ajuda a elucidar este ponto. O tempo e a transitoriedade revelam a nulidade da existência. “O tempo é aquilo pelo que tudo a todo o momento se torna nada em nossas mãos – pelo que tudo perde seu verdadeiro valor” (Schopenhauer, 2012, p. 137). O sofrimento é a característica fundamental da vida, em que combatemos inutilmente por uma realização que está, desde o início, condenada ao fracasso. A vida é uma grande mistificação, um logro e um erro. Mais ainda: “O mundo é um inferno, e os homens dividem-se em almas atormentadas e em diabos atormentadores” (Schopenhauer, 2014, p. 28). Outro pensador que se inspirou muito em Schopenhauer foi Cioran. Ele também faz uma leitura sombria do mundo, da história e dos seres humanos. Logo após a segunda guerra mundial, ele escreveu: “A vida é o que se decompõe a todo momento; é uma perda monótona de luz, uma dissolução insípida na noite, sem cetros, sem auréolas, sem nimbos” (Cioran, 1995, p. 60). Segundo tal leitura, o ser humano é um idólatra incorrigível, um cultivador de ideias que o levam sempre à ruína e à carnificina. Atribuir um sentido à história é desonestidade. É pretender dar um sentido ao próprio caos. Ao fazer isso, os homens criaram ilusões e equívocos, além de muitas “fogueiras” (Petean, p. 10 e ss.).

Quem conhece Husserl como filósofo que manifesta um notório amor pela ciência e uma responsabilidade absoluta pela vida de autojustificação racional fica surpreso ao saber que ele enfrentou heroicamente a tentação de uma leitura pessimista da vida. Ele chegou ao ponto de colocar em dúvida a crença de que o bem que podemos alcançar tenha de fato eficácia no mundo. Tudo o que amamos e valorizamos pode entrar em colapso ou degenerar-se. Não é verdade que o bem que fazemos ou estamos em condições de fazer pode ser insignificante? O mundo, que possui realidade e valor para nós bem poderia ser irracional e destituído de sentido. Quando vemos os horrores da guerra, o poder de seus criadores e o sofrimento de todos aqueles que



a experimentaram, não fica difícil perder o apreço pela humanidade. O risco é de fato deixar de acreditar na humanidade e no valor da vida. Nosso obrar intersubjetivo talvez seja apenas um núcleo frágil de vida dentro de um deserto mais vasto e sombrio, que não é senão o próprio mundo. (Husserl, 2009, §3, p. 801).

Husserl experienciou, antes mesmo da segunda guerra mundial, a noite ameaçando anular o sentido solar que orienta a inteira história da Europa. A Europa se distingue das demais culturas por visar a ideia de um conhecimento perfeito, que nunca se realiza totalmente, mas que dirige a humanidade para um fim racional, marcado pela ideia de verdade, de bem e de beleza. Trata-se de ideia que ultrapassa todo particularismo, vale dizer, toda circunscrição temporal e espacial de um povo. Temos em nós o ideal de um “eu verdadeiro” que é preciso realizar, ou tomar como exigência moral irrecusável. Eis o imperativo formalmente considerado: “Sê um verdadeiro homem, segue uma vida que possas justificar intelectivamente, de ponta a ponta, uma vida provinda da razão prática” (Husserl, 2014, p. 43). A evolução para uma personalidade ética livre implica o agir racional aspirando ao bem e ao verdadeiro. Supõe a luta pela clareza, pela verdade e pela justiça. A perfeição é uma ideia teleológica que envolve uma luta sem fim. Luta revigorante, vida de método entendida como autoformação, autorregulação e disciplina. Uma vida capaz de vigilância sobre si mesma (Husserl, 2014, p. 46). O desafio prático supremo é este: regular a vida inteira pelo imperativo categórico da razão. Trata-se de uma *forma* que, embora dotada de sentido, é vazia. Ela precisa ser preenchida, requer um conteúdo.

Eis por que o conhecimento genuíno se funda na evidência realizada por um agente racional: a subjetividade concreta. A vida racional deve ser conduzida por uma subjetividade que valoriza e assume essa vida, graças a uma evidência basilar. Qual evidência? A de que posso e devo agir eticamente, mantendo viva a crença na razão. Posso querer sempre “o melhor possível”, entregar-me a essa busca, decidir-me livremente por ela. Ou seja, posso viver “com intenção racional” conferindo valor à minha vida. A ética me mostra a “forma da vida racional” (a vida que devo e posso avaliar como sendo boa), forma que poderá ser preenchida de modos distintos, dependendo de pessoas reais e comunidades reais.

Eis, porém, que no meio do caminho há sempre uma pedra. Diante do referido ideal surge a sempre possível dúvida ou hesitação: e se a vida fosse carente de sentido? E se nada de bom pudesse surgir daquilo que eu faço? E se produzir o bem estivesse fora de minhas reais possibilidades? Afinal, a vontade livre bem poderia ser uma aparência e o “eu”, por sua vez, pode estar sendo conduzido por forças que nem mesmo conhece e nem pode dominar. Talvez a liberdade de agir que penso possuir seja um grande engano, e tudo o que mais amo (meus valores mais elevados) nada mais seja que uma simples hipótese (cf. Husserl, 2009, § 3, p. 800).

Husserl adverte: nossa existência gira em torno do temor e da esperança. Viver implica sempre um “entre-dois”, uma situação na qual o valor positivo está sempre confrontado com o predomínio de escolhas contrárias ao bem. Husserl manifesta, aqui, uma notável inquietação existencial, sublinhando a fragilidade e a vulnerabilidade constituintes do humano. Em meio à incerteza sobre o futuro e à angústia da finitude, ele se pergunta se seria mesmo possível cultivarmos ou construirmos a esperança. Há sentido numa existência que experiencia a cada instante a nulidade de tudo, o angustiante caminhar para a morte? A morte, afirma Husserl, não pode ser intuitivamente representada por nós. Estamos diante de uma alteridade radical. Diante dela experienciamos o vazio da noite do não-ser (Husserl, 2009, § 2, p. 797).

Husserl, no entanto, não cede ao pessimismo. Sua obsessão é combater em favor do ideal de uma vida racional e, conseqüentemente, dotada de sentido. E isso só é possível se tomamos consciência de que o mundo humano e histórico está atravessado por conflitos, que tal mundo não se oferece como harmonia para nós. A noite não pode ser exorcizada: tudo se passa como se estivéssemos a bordo de um barco prestes a afundar. Vamos nos entregar à passividade e à covardia? Não, pois queremos sempre melhorar o mundo fático e real. Husserl não se intimida. Ele compreende que é preciso recusar a passividade diante de um iminente perigo. Ou seja, é fundamental continuar acreditando numa razão ampliada e acolhedora, com a qual nos mantemos atuantes e dedicados amorosamente uns aos outros. O mundo pode ser como um inferno, mas nem por isto iremos deixar de lutar incansavelmente, resistindo a esse inferno (Husserl, 2009, § 4, p. 804).

Na nossa perspectiva, a fenomenologia husserliana pode ser compreendida a partir de um horizonte apocalíptico do mundo e da história. A aspiração à vida racional não se separa da compreensão de que tudo, em qualquer momento, pode se desintegrar ou se perder. Existencialmente, pode-se dizer que há uma notável preocupação com a trajetória de um indivíduo buscando razões para viver, que deseja compreender o mundo, que reivindica uma responsabilidade capaz de o tornar único e insubstituível em tal tarefa. Mas há aqui uma dificuldade: a referida aspiração deve acertar as contas com tudo o que é mutável e transitório na existência, com nossas sensações e sentimentos de tristeza e de alegria, com nosso amor e nosso ódio. Há uma questão que Husserl nunca se coloca de fato: como agir diante do fato de que a vida pode ser uma luta sem perspectiva de vitória? Como manter-se fiel à lei do dia se partirmos do pressuposto de que, inicialmente, podemos pensar que avançamos para a luz, mas depois percebemos que “em vão buscávamos perseguir um trajeto para um fim ensolarado, que as trevas se dilatam ao redor e dentro de nós?” (Cioran, 1995, p. 59).

Como quer que seja, há algo que nos parece incontornável: manter-se fiel à lei do dia supõe ter enfrentado o abismo¹¹. Seria o combate contra a noite hipocrisia ou má-fé? Ou pura idolatria? Para um pessimista

¹¹ Husserl parece estar dando uma resposta a filósofos e escritores que defenderam, em conformidade com a tradição gnóstica, que não vale a pena transmitir tanta miséria e sofrimento a vidas vindouras (cf. Schopenhauer, 2014, p. 27). Husserl não aceitaria jamais a ideia de que nosso confronto com o vazio e o nada seja uma desculpa para cedermos à volúpia pela noite, tal como a descreve Cioran: “Outrora apaixonados pelos cumes, depois decepcionados por eles, acabamos por venerar nossa queda” (Cioran, 1995, p. 59). O que nos fascina, segundo Cioran, é caminhar no sentido oposto ao sol.



como Cioran, a resposta é afirmativa. Seu pensamento está vinculado a uma tradição gnóstica que seduziu tantos pensadores, artistas e escritores. Sentimos o chamado de algo que contrasta com tudo o que é diurno. “Nenhuma luz para iluminar-nos em nosso deslizamento: o abismo nos chama e nós o escutamos” (Cioran, 1995, p. 59).

2. A Lei do Dia e a Paixão pela Noite: Jaspers

É forçoso reconhecer: nossa vida está sempre rodeada por uma profundidade que não pode ser racionalizada. O problema é saber se iremos paralisar ou agir, tendo em vista essa profundidade. Para Jaspers, filósofo que, à sua maneira, também se manteve fiel à lei do dia, nossa existência pode malograr por causa de nossas ações. Por nossas ações nossa vida pode alcançar ou não certo êxito. Nesse sentido, o que importa é não abrimos mão da ideia de liberdade. Para Jaspers é na condição humana de existência que passamos pela provação que pode nos levar a uma paixão pela noite, mas também ao amor pela vida. Lutamos para sair do inumano, do “impessoal” e das atitudes negativas. No entanto, queiramos ou não, tudo, em algum momento, terá de se transformar em ruína: corpos, conquistas, relações, conhecimentos, eventos históricos, a busca de Deus ou absoluto, a morte. Assim, todas essas formas de fracasso lançam o existente numa espécie de confusão. Podemos experienciar concretamente algo que nossa época (isto é, o século XXI) está mostrando sem nenhum pudor: “Quando o mais medonho se torna possível, um dia, em algum lugar, encontra-se alguém para realizá-lo” (Jaspers, 1989, p. 782). O perigo de obscurecimento nos ronda. Husserl e Jaspers experimentaram esse perigo, sentiram algo medonho emergindo repentinamente, mas a ele responderam com vigor, com inteligência e vontade forte. A que exatamente respondiam?

Cotidianamente, queremos ordem e luminosidade. Vivemos, por assim dizer, sob a lei do dia: confiamos no pensamento coerente, na importância da razão, nas ideias que nos orientam. Somos existentes que estão sempre querendo alguma coisa e agindo para realizá-la, que almejam construir o que ainda não existe, ou melhorar o que já existe. Eis, enfim, que uma sombra está sempre a rondar a confiança no dia. Nunca estamos, de fato, tranquilos, despreocupados, descansados. É então que o ser humano pode manifestar uma inexplicável paixão pela noite, recusando-se a claridade. Todas as nossas tarefas e objetivos como que se dissipam. Uma força incompreensível surge como paixão que não se preocupa em se justificar, paixão sem confiança na claridade, paixão resistente à lei do dia. Um fascínio pela morte toma conta do ser humano²². Paixão que surge como “traição da vida, infidelidade em relação a tudo o que é real e visível” (Jaspers, 1989, p. 692).

Ora, esse império da sombra nos ronda. Ele nunca deixa de inquietar o existente. A todas as formas de surpresa desagradáveis ou dolorosas trazidas pela vida, podemos reagir com uma traição à lei do dia. Tudo o que antes era valioso para nós passa a ser visto com outros olhos. Nós nos sentimos fatigados com o fato de estarmos na vida, com a necessidade de nos esforçar para viver, de perseverarmos nas tarefas cotidianas, aquelas que, justamente, nos permitem sentir e fruir os alimentos e as ofertas do mundo: caminhar, conversar, estudar, trabalhar, construir uma família... Tudo o que experimentamos como fracasso e não-sentido pode ser atribuído a forças que nos envolvem e controlam: a culpa é do destino. Sentimos, por assim dizer, a angústia de ter sido lançados no destino. O problema? O dia simplesmente não está preparado para reconhecer o mundo da noite. De fato, Husserl lutou contra ele de modo contundente, mas não enfatizou a inevitabilidade de nossa relação com esse mundo (Husserl, 2009, §4. p. 804 e ss.).

A reação ao império da sombra é sempre vigorosa em Husserl. Ele chega a afirmar que a morte não tem poder sobre nós, desde que sejamos fiéis à lei do dia, isto é, desde que tenhamos em mente os vínculos amorosos entre os seres humanos, que podem conferir a suas vidas um sentido de continuidade, permanência e orientação para uma sociedade ética, ou para uma humanidade autêntica. Husserl não afirma uma racionalidade insensível, invulnerável, totalitária. Ele se mostra tocado pela irrupção do “irracional” no mundo: doenças, o acaso, o absurdo, a violência. O mundo está impregnado de contingências irracionais e insanáveis. Temos plena consciência de nossa imperfeição e de nossas insatisfações. Podemos simplesmente fracassar. O mundo nos convida a uma luta heroica, a uma confiança no ser humano (ideal). A racionalidade do dia luta com a necessidade, o egoísmo e a loucura. Temos intencionalmente a vontade orientada para a ideia de um conhecimento perfeito, de uma vida guiada pelo ideal de perfeição e educação de si, tarefa infinita para a realidade humana (Husserl, 2009, p. 809 e ss.).

E quanto a Jaspers? Pensamos que sua avaliação se revela mais realista (isto é, menos ideal) a esse respeito. A força da noite é sempre sedutora para a subjetividade, mesmo quando esta subjetividade despertou para sua responsabilidade diante do sentido e do progresso da humanidade. A sombra está mais próxima de nós do que imaginamos³³. “Venho a mim mesmo a partir da noite” (Jaspers, 1989, p. 693). O que isto significa?

²² Jaspers fala aqui como médico e psiquiatra? Ou seria seu conhecimento de mitologia, literatura e metafísica que o faz ver as potências da noite? Goethe, com certeza, está presente em sua escrita. No *Fausto*, vemos a Noite de Walpurgis, em que as entidades da noite se encontram, no topo de uma montanha, para realizar suas proezas e festas orgiásticas. Thomas Mann faz sua releitura disto, em sua célebre *Montanha Mágica*. Numa noite festiva, Hans Castorp se declara a Claudia Chauchat, enigmática mulher que lhe ensina o que seja a paixão pela noite: “É preciso buscar a moral não na virtude, isto é, na razão, na disciplina, nos bons costumes, na honestidade – mas antes no contrário, vale dizer, no pecado, abandonando-se ao perigo, àquilo que é prejudicial, àquilo que nos queima. Parece-nos que é mais moral perder-se, e mesmo se deixar destruir, do que se conservar. Os grandes moralistas não eram os virtuosos, mas os que se aventuravam pelo mal, os viciados, os grandes pecadores...” (Mann, 1980, p. 380).

³³ Pensamos que o influxo de Nietzsche sobre Jaspers deve ser levado em conta, aqui. Ele entende que, depois de passarmos por filósofos como



Que há um fundo de obscuridade que nos envolve: nosso apego à terra, nosso vínculo materno, os laços de sangue, a ideia de raça. Há modos diversos pelos quais forças elementais rompem a fina película da civilização. Este fundo obscuro, que pode irromper na história e na vida, não se elimina nem se domina. O que podemos e devemos fazer? Para Jaspers o fundamental é transfigurar esse fundo. A paixão pela noite dá lugar a comportamentos que se beneficiam da lei do dia: podemos cultivar o amor pelo país em que nascemos, aprimorar o sentido de família em nós, transformar a vida erótica em companheirismo e fidelidade, amar nossos compatriotas, numa palavra, podemos cultivar o lado diurno da vida, bem como a responsabilidade por nossa condição histórica (Jaspers, 1989, p. 693).

A lei do dia traz um sentimento de felicidade para a consciência, em virtude da comunicação realizada ou buscada, da vida que se pode oferecer como um dom⁴⁴, das ideias vistas ou alcançadas, das tarefas assumidas e de tantos projetos possíveis. No entanto, nada disso tem o poder para banir de vez o poder da noite. Como caracterizar a paixão pela noite? Como uma rendição de nossa parte. Podemos nos entregar àquilo que nos fez nascer! Eis por que uma tal paixão é forte o suficiente para nos submeter. “O apelo dos demônios que foram expulsos continua a ser ouvido” (Jaspers, 1989, p. 694). Instinto, prazer, desejo, embriaguez, autossabotagem, recusa de se abrir aos outros: tudo isto pode manifestar a profundidade da noite, mas, comparados a ela, são apenas desvios e negatividade. Não possuem substância. A noite, esta sim, é substancial. Ela tem o poder de reduzir a nada a lei do dia. É a lei da morte (Jaspers, 1989, p. 695). Quando se entra nessa profundidade, não mais se pode viver verdadeiramente, isto é, abandona-se a disposição para algo edificante, construtivo e saudável.

Na perspectiva de Jaspers, o fim último da vida segundo a lei do dia é a boa vontade. Pensamos que, a esse respeito, ele recebe o influxo de Kant, mas confere um sentido existencial à boa vontade. Não se trata da forma geral da lei, mas do querer humano numa situação concreta. “Quando tenho boa vontade”, observa Jaspers, “vejo a realidade empírica como riqueza do mundo em sua beleza, conheço a alegria de viver que se reflete na construção do mundo” (1989, p. 696). Mas, eis o ponto, essa possibilidade só existe porque o dia é inseparável da noite. A noite ensina que tudo o que é finito deve perecer. Se o dia não pode querer o fracasso, nem por isso pode recusá-lo, sob pena de se cair numa inconsistência. A noite é o limite do dia. A separação de ambos é apenas formal e conceitual, pois, na realidade, estão relacionados um ao outro (cf. Jaspers, 1989, p. 699). O que fazer: abandonar o dia e adorar a morte ou, ao contrário, abandonar a noite para voltar ao dia? Jaspers oferece uma notável resposta: “Os dois mundos constituem uma polaridade que nunca se torna clara; cada um se ilumina ao contato do outro. Posso colocá-los um em face do outro para esclarecê-los, mas não conhecer o que eles são (seu ser) pelo pensamento” (Jaspers, 1989, p. 700).

3. O Bom e Belo Combate de Husserl e Jaspers

Tal como Husserl, Jaspers entra no bom combate. A lei do dia nos faz olhar para o mundo real, oferecendo a orientação pelo trabalho, pelas atividades, pelos encontros humanos. E o ideal? Nós não podemos viver sem nos orientar por um valor. A vida cotidiana nos oferece a referência para considerar esses valores. O problema é que o mundo que nos deve fornecer uma orientação está em derrocada: a tradição perde cada vez mais influência sobre nós. Não temos um simbolismo ao qual nos apegar. O ser humano desembocou num enorme vazio. Se não houver uma ordem a que se prender, ele se perde, fica entregue a si próprio, experienciando tédio, angústia, prazer desenfreado, indiferença. A ânsia de orientação filosófica da vida surge como recurso para substituir a ordem perdida.

A ânsia de uma orientação filosófica da vida nasce da obscuridade em que cada um se encontra, do desamparo que sente quando, em carência de amor, fica o vazio, do esquecimento de si quando, devorado pela fadiga, súbito acorda assustado e pergunta: que sou eu, que estou descurando, que deverei fazer? (Jaspers, 1985, p. 116).

Esquecimento de si mesmo pelo cansaço de ser dominado pela tecnologia (pensemos nos celulares e no trabalho virtual de hoje). O mundo cotidiano pode ser fonte de superficialidade e desorientação, com suas trivialidades e sua rotina. Se desejarmos nos orientar filosoficamente, é porque uma forte mutação já ocorreu em nosso íntimo: eis-nos em busca “daquilo que mais importa”, desejosos de agir e de lançar luz sobre nós próprios (Jaspers, 1985, p. 118). O pensar filosófico nos ilumina interiormente. Abre também o caminho que

Nietzsche e Kierkegaard, não podemos retornar à “normalidade”, isto é, a uma racionalidade diurna que desvia os olhos da profundidade em meio à qual existimos. Nietzsche e Kierkegaard puseram em questão os “fundamentos” supostamente inabaláveis. Eles entraram num mundo que não havia sido antes visitado. Dissolveram o que tomávamos por sólido e inabalável. Eles nos ensinaram a olhar o obscuro em nós e na vida. Dois perigos: a) sermos por eles aprisionados e b) não os levarmos a sério. O desafio, para Jaspers, é esclarecer nossa relação com o obscuro, com o não-racional (cf. Jaspers, 1959, p. 39 e ss.).

⁴⁴ Diante das situações-limite (sofrimento, culpa, finitude, etc.), a existência pode ser interpelada pela transcendência, isto é, por aquilo que não pode absolutamente tornar-se objeto, nem se fazer presente como tal à consciência. Assim, mesmo quando é possuída pela raiva e a revolta em relação a sua própria vida, a existência tem o poder de agir, de buscar o conhecimento e, finalmente, de realizar uma mudança radical, tornando-se dom de si. Para além de tudo o que pode saber e compreender, a existência, enfrentando o vazio e o terror, pode se doar inteiramente ao se abrir aos outros e ao mundo, buscando a comunicação existencial. O dom de si é uma “audácia da vida” necessária ao filosofar (cf. Jaspers, 1989, p. 673).



iremos seguir, conferindo-lhe orientação. Eis o ponto: a orientação existencial não nos vem pelos saberes, e sim pela unidade que somente a filosofia pode propiciar (Jaspers, 1988, p. 12).

Afinal, até que ponto tal unidade se mantém? Jaspers não se ilude. Se nos ativermos à condição humana e às relações do homem com o mundo, temos sempre de enfrentar o fracasso. Há sempre uma sombra que acompanha nosso caminhar em direção à luminosidade. Por exemplo: as validades lógicas são questionadas pelo relativo e o pensamento, por sua vez, é interpelado por antinomias diversas e por aquilo que o ultrapassa. Mesmo quando buscamos transcender a realidade empírica a partir da linguagem cifrada pela qual algo de não-objetivo se nos “mostra”, o pensamento compreende seu fracasso (Jaspers, 1989, p. 782-3). Na medida em que nos confrontamos com situações-limite (morte, sofrimento, culpa, etc.), tudo o que é positivo para nós tem sua contrapartida negativa ou sombria. “Quem quer que veja a realidade tal como é, parece forçado a se dar conta da rígida obscuridade do nada” (Jaspers, 1989, p. 793).

Como viver na presença da obscuridade que nos espreita e desafia, que se impõe a nós através do fracasso? Husserl diria que, a despeito de tudo o que o mundo possa conter de contrário às aspirações ao bem, ao justo e ao belo, temos a possibilidade de encontrar alegria na realização cumprindo o dever. Não seria errôneo procurar viver com alegria, exceto se fizermos disso a única meta de nosso agir. Só posso aspirar ao bem se, de algum modo, encontrar satisfação em tal busca ou nos progressos que alcancei. O mais importante é isto: não devo perder a alegria, até mesmo quando encontro adversidades ou dificuldades. “Também a nobre alegria deve ser assumida” (Husserl, 2009, § 8, p. 819). E, se não posso evitar a tristeza, posso pelo menos assumi-la e superá-la. O importante é encontrar a proporção desse domínio exercido. A alegria, por si só, não basta, pois importa a realização do melhor para nós e os outros, tendo em vista as ações empreendidas. Ora, uma vida de alegria plena neste mundo é impossível. Corremos o risco de permanecer passivos na acomodação, na inação, no desânimo, etc. Devo exigir de mim mesmo uma vida orientada pelo ideal ético de vida autêntica. Quero que haja uma consonância do mundo com tal aspiração. Nas situações mais difíceis e adversas da vida, posso manter vivo o desejo de encontrar uma saudável comunidade de trabalho e de vínculos sociais sólidos (Husserl, 2009, § 8, p. 819).

No caso de Jaspers, o filosofar deve assumir o dever de se opor radicalmente ao pensamento que profetiza desastres. “Faço o possível, por pensamento e conduta, para me opor à catástrofe” (Jaspers, 1988, p. 32). O “ético” implica o despertar para a própria responsabilidade. É fundamental tomar consciência de que podemos julgar a história. Devemos decidir sobre o que aceitar e o que recusar. Mais ainda: “Devemos aceitar a culpa de nossos ancestrais, pois que somos responsáveis por eles” (Jaspers, 1988, p. 32). Jaspers julga que não é possível se livrar dos fantasmas do passado que nos perseguem. Somos cúmplices de tantos desastres ocorridos ao longo da história. Nosso destino não pode ser pensado separadamente em relação ao destino de toda a humanidade. A história nos interpela. Diante de qualquer situação nova, a filosofia nos deve aumentar o sentimento de nossa responsabilidade.

Husserl, por sua vez, diria que é preciso se manter inconformado e jamais passivo diante da realidade, que devemos lutar para que o mundo possa ser outro: mais humano e acolhedor, muito melhor do que aquele que tenho diante de meus olhos. O “ideal”, nesse caso, é uma exigência ética, não uma idolatria de algo fora desse mundo. Irracionalidade e obscuridade, bem como tantas contingências incompreensíveis, são reconhecidas por nós na medida em que intencionamos, conscientemente ou não, algo que não está submetido à fatualidade do mundo. “Talvez se possa mostrar que só posso saber do *factum* a partir da necessidade essencial *a priori*” (Husserl, 2009, § 8, p. 821). Isso, porém, também significa que estamos constrangidos a reconhecer o *factum*. Temos de assumi-lo e enfrentá-lo. Ele pode revelar o nada de tudo o que acreditamos até então. Assim, mesmo aqueles que se deixam seduzir pela noite, ou abandonam a orientação à claridade, têm a chance de ver o belo operando naqueles que combatem a passividade e a obscuridade. Mesmo seduzidos pela noite, os indivíduos podem tomar consciência de que o belo está disponível para todos, produzindo felicidade e surgindo como um bem comum (Husserl, 2009, § 3, p. 802).

De nossa parte, perguntamos: como posso assumir o *factum* se não encontro um pouco de alegria e de luz na própria realidade, ou deixando um pouco de lado o que ela poderia ser idealmente? Ou, para falar com Jaspers: como posso viver tendo em vista o fracasso? Quanto mais conheço a realidade, mais tenho a chance de ser dominado pela noite, e não pela luz do ideal. Vejo então o nada do mundo face a face. Há, contudo, algo de ousado que se encontra disponível para mim: realizar um salto em direção ao que transcende o ser simplesmente dado. Ao ver o real tal qual ele é, sem nenhuma idealização, tomo consciência do dever e da responsabilidade para com a vida.

Ou seja, a realidade a mais dura, intuída graças à angústia, pode destruir ou oferecer uma oportunidade de vencer expectativas enganosas. Não há solução encontrada, nem justificação ou explicação para o que experienciamos. Há apenas o silêncio sem resposta. Podemos, no entanto, suportar o fracasso, descobrir que, entre uma salvação ilusória e a noite total, há sempre recursos e tempo disponíveis. O olhar direcionado ao futuro surge-nos como recusa da atitude passiva e como abertura aos outros. Para Jaspers, importa sempre partir do “modo como o homem se situa e age em relação a um outro homem, enquanto indivíduo em face de outrem” (Jaspers, 1989, p. XII). Graças a essa vinculação entre existentes, a realidade do mundo *aparece*. A solidariedade é essencial à filosofia. Na proximidade dos outros nos “certificamos” da substância de nossa reflexão⁵⁵.

⁵⁵ Eis a motivação profundamente ética do pensar. Não podemos fugir à responsabilidade pelo peso do mundo. A cumplicidade com o mal nos



Conclusão

Manter-se fiel à lei do dia não significa ignorar a força exercida pela noite, mas sim abrir-se à realidade. O que vemos aí é uma abertura que se faz sem ilusões ou desespero. Ter esperança é encontrar uma paz não enganosa. Mesmo sem oferecer nenhuma garantia objetiva, tal atitude me traz uma certificação inabalável, um sentimento de completude e de realização na própria instabilidade ou incerteza em relação ao mundo. Quando estaremos prontos para nos abrir ao mundo? Quanto as coisas nos fizerem ver o fracasso. Contemplamos a realidade em sua nudez inquietante. O véu se levanta. O que descobrimos? Que “o mundo só se torna próximo de nós quando tivermos lido a cifra de sua destruição [...]”. É então que o amor pela vida pode ser realizado sem jamais se cansar, e o mundo, por sua vez, pode manifestar sua beleza indizível” (Jaspers, 1989, p. 795).

Referências

- Cioran, E. (1995). *Breviário de decomposição*. Trad. José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco
- Husserl, E. (2009). *Valor de la vida. valor del mundo. moralidad (virtude) y felicidad* (1923). Trad. Julia V. Iribarne, Clafen - *Acta fenomenológica latino-americana*, volumen III, (https://www.clafen.org/AFL/V3/789-821_Husserl%28Valor-de-la-vida%29.pdf).
- Husserl, E. (2014). E. – *Europa: crise e renovação*. Trad. Pedro M.S. Alves e Carlos Aurélio Morujão, Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Jaspers, K. (1959). *Razon y existencia. Cinco lecciones*. Trad. Heraldo Kahemann, Buenos Aires: Editorial Nova.
- Jaspers, K. (1969). *La fe filosófica ante la revelación*. Trad. Gonzalo Díaz y Díaz, Madrid: Gredos.
- Jaspers, K. (1985). *Iniciação Filosófica*. Trad. Manuela Pinto dos Santos, Lisboa: Guimarães Editores.
- Jaspers, K. (1988). *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. Leonidas Hegenberg e Octanny S. Motta, São Paulo: Cultrix.
- Jaspers, K. (1989). *Philosophie (Orientation dans le monde, Eclaircissement de l'existence, Métaphysique)*. Trad. Jeanne Hersch: Paris, Berlin, Heidelberg: Springer-Verlag.
- Jaspers, K. (2018). *A questão da culpa. A Alemanha e o nazismo*. Trad. Cláudia Dornbusch, São Paulo: Todavia.
- Mann, T. (1980). *A Montanha Mágica*. Trad. Herbert Caro, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Peteau, A.C.L. (2015). *Fanatismo, dúvida e suicídio em Cioran*, Jundiaí: Paco Editorial.
- Schopenhauer, A. (2012). *Sobre a ética*. Trad. Flamarion C. Ramos, São Paulo: Hedra.
- Schopenhauer, A. (2014). *As dores do mundo: o amor – a morte – a arte – a moral – a religião – a política – o homem e a sociedade*. Trad. José Souza de Oliveira, São Paulo: Edipro.
- Tourinho, C. D. C., & Alves, C. E. D. R. (2023). Husserl e os “estilhaços” da guerra: origens das reflexões sobre a crise da cultura europeia. *Phenomenology, Humanities and Sciences*, 4(3), 155–162. <https://doi.org/10.62506/phs.v4i3.214>

Recebido em 02.07.2024 – Primeira Decisão Editorial em 03.12.2024 – Aceito em 19.02.2025

culpabiliza: “Se não dediquei minha vida a evitar o assassinato de outros, mas fiquei ali, sinto-me culpado de certa forma que não é compreensível do ponto de vista jurídico, político e moral” (Jaspers, 2018, p. 24).